



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 11, pp. 52204-52212, November, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23416.11.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

ATENDIMENTO AO LUTO NA INFÂNCIA: PERCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELO PSICÓLOGO

Lohanny Alessandra Gonçalves Pereira¹, Davi Arantes Barros¹, Ellen Fernanda Klinger², Daniela Ponciano Oliveira³, Letticya Fernandes de Oliveira⁴, Giovanna Lourenço Schreder⁴, Jackeline Martins Lopes¹ and Paloma Mendonça Cabral¹

¹Discentes do curso de Psicologia da Universidade de Gurupi; ²Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Gurupi; ³Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará; ⁴Psicólogas, cursando especialização em Psicologia Hospitalar

ARTICLE INFO

Article History:

Received 20th August, 2021
Received in revised form
10th September, 2021
Accepted 14th October, 2021
Published online 30th November, 2021

Key Words:

Luto, Percepções,
Morte, Psicologia, Infância.

*Corresponding author:
Silva A. D. Elaine

ABSTRACT

O diálogo sobre a morte entre adultos e crianças pode ser difícil e, algumas vezes, acontecer de forma embaraçosa. Diante disso, esta pesquisa investigou o entendimento dos psicoterapeutas infantis sobre o atendimento com crianças enlutadas através de revisão sistemática de literatura dos artigos publicados nos últimos 05 (cinco) anos, contidos no Portal de Periódicos CAPES, utilizando os descritores “*child grief*”, “*death*” e “*psychology*”. Resultaram da busca um total de 62 (sessenta e dois) artigos e, após a leitura e análise, foram selecionadas 20 (vinte) publicações. Dentre os principais achados, as percepções dos psicólogos acerca da ocultação da informação sobre a morte às crianças, acompanhada da dificuldade em comunicar tais notícias. Nas estratégias mais utilizadas no atendimento às crianças enlutadas permeiam aquelas de ordem psicossocial, como criação de grupos de apoio, orientativas a pais, professores e/ou cuidadores, intervenção com a diáde pai sobrevivente e filho, e verbalização franca sobre os fatos. Por fim, o luto continua sendo tabu nas mais diversas sociedades e a comunicação às crianças segue como tema complexo e dificultoso, o que abre espaço para novas pesquisas e incitação de diálogos assertivos sobre a morte.

Copyright © 2021, Lohanny Alessandra Gonçalves Pereira et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Lohanny Alessandra Gonçalves Pereira, Davi Arantes Barros, Ellen Fernanda Klinger, Daniela Ponciano Oliveira et al. “Atendimento ao Luto na Infância: Percepções e Estratégias Utilizadas pelo Psicólogo”. *International Journal of Development Research*, 11, (11), 52204-52212.

INTRODUCTION

Estar vivo implica em morrer, em algum momento. A morte é um fato biológico, um conceito universal para os seres humanos, afinal, alcança a todos. Na condição de racionais e pensantes, os seres humanos são os únicos possuidores de discernimento acerca da efemeridade da vida. Diante disso, a apreensão do luto será maior ou menor, mais rápida ou morosa de acordo com aspectos sociais, culturais, desenvolvimentais, religiosos, dentre outros, de cada indivíduo (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Abordar o tema morte em algumas culturas é delicado e repleto de sutilezas, envolve, muitas vezes, sentimentos tidos como negativos, que podem dificultar o enfrentamento de situações nas quais a morte está envolvida, assim como conteúdos fúnebres ou de luto.

No entanto, o luto não se relaciona apenas com a morte de um ser humano, mas também com perdas significativas, como: demissões; separações; divórcios. Portanto, o perder e enlutar-se faz parte do processo da vida (PAIVA, 2011; CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013). Paiva (2011) entende que o diálogo com adultos sobre a morte é problemático e, tais dificuldades podem ser potencializadas na comunicação com crianças. Em estudo sobre como a criança percebe a morte, Vendrusculo (2005) concluiu que isto depende de como tal tema é apresentado e de como a família recebe as queixas e manifestações infantis. Para algumas perspectivas teóricas de viés cognitivista, a compreensão da morte também é influenciada pela fase do desenvolvimento em que a criança se encontra. Pode-se resumir o desenvolvimento infantil relacionado com o luto como: primeira infância até os 02 (dois) anos de idade, quando a criança entende a morte como ausência; segunda infância até os 06 (seis) anos, quando a morte é entendida como um fenômeno reversível; terceira infância até os 11 (onze) anos, quando a criança

compreende que morrer é irreversível e universal (PAIVA, 2011; PAPALIA; FELDMAN, 2013). Neste sentido, o luto é um processo progressivo, elaborativo e, principalmente, subjetivo, manifestado por meio de fantasias; brincadeiras; amigos imaginários; comportamentos regressivos; enurese e encoprese (FRANCO; MAZORRA, 2013). Levando em conta a delicadeza que o atendimento psicológico com uma criança em luto exige – pois o mesmo conta com técnicas e métodos específicos, bem como o eficiente estabelecimento de confiança e adequação de aporte teórico (FRANCO; MAZORRA, 2013) –, surge a necessidade de discorrer sobre o papel do psicólogo neste contexto. O manejo e elaboração adequados do luto infantil são realizados por um psicoterapeuta infantil e alguns atributos lhe são necessários, tais como: formação teórica e específica, domínio das técnicas e teorias do que permeia o mundo infantil, compreensão das muitas formas de comunicação utilizadas pelas crianças, vontade e disponibilidade para trabalhar com esse público, além dos aspectos éticos inerentes e preconizados pela profissão (MEIRA, 2009). Casellato (2015) recomenda que sejam realizadas ainda intervenções psicossociais primárias e secundárias, ambas preconizam a prevenção e o suporte psicológico adequado. Na intervenção primária são desenvolvidas ações que levarão informações e acolhida dos aspectos emocionais, as estratégias são diversas, como palestras, folhetos informativos, atividades de arteterapia, entre outros. Na intervenção secundária o suporte será dado àqueles que apresentam sinais e/ou sintomas de dificuldades no enfrentamento do luto. Recomenda-se que as estratégias sejam psicoterapia em grupos abertos ou fechados (de autoajuda, de orientação), workshops e aconselhamento. Tais intervenções objetivam informar, validar os sentimentos, acolher, proporcionar alívio emocional, minimizar riscos e fortalecer os recursos individuais dos enlutados.

Assim, este estudo tem por objetivo, investigar o entendimento dos psicoterapeutas infantis sobre o atendimento com crianças enlutadas. Mais especificamente, pretende-se abordar: as principais demandas referentes ao luto com crianças; tipos de pesquisas comumente desenvolvidas; local de maior concentração dos estudos (países com quantitativo maior de publicações); as perspectivas teóricas sobre luto infantil (psicanalítica, cognitivista etc.), orientações e estratégias mencionadas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como método de estudo a revisão sistemática, que emprega como fonte de informações bibliográficas a exploração da literatura, a fundamentação teórica do objetivo e do tema pesquisado. O método de revisão sistemática refere-se à uma pesquisa de procedimentos explícitos, claros e sistematizados que agrupa vários conhecimentos, autores, vertentes e metodologias. Integra informações auxiliando nas orientações de práticas futuras, permitindo uma pesquisa ampla do assunto, ressaltando a percepção de diferentes formas (SAMPAIO; MANCINI, 2007; SILVA; SILVA; TOMAZ, 2020). Foi realizada a busca empregando a metodologia de revisão sistemática utilizando propostos de Sampaio e Mancini (2007) e utilizados por Silva, Silva e Tomaz (2020), seguindo critérios bem definidos de inclusão e exclusão, bem como os cinco processos: 01 - construir pergunta clara e objetiva; 02 - delimitar palavras-chaves; 03 - analisar e selecionar fontes bibliográficas da temática, 04 - coleta de dados, 05 - resultados e discussão. Na realização da busca bibliográfica na base de dados científicos do Portal de Periódicos CAPES de acesso aberto a todos os públicos, foram utilizados os descritores (DeCS) combinados: em inglês “*child grief*”, “*death*” e “*psychology*” ou em português “luto infantil”, “morte” e “psicologia”, empregando o operador booleano AND. A base de dados foi configurada para localizar as referências que apresentavam os descritores supramencionados entre as palavras-chave e/ou no resumo. Esse método foi adotado para viabilizar o alcance de resultados precisos; fato que não ocorreria caso não houvesse tais especificações. A opção pelo emprego dos descritores mencionados considerou que são os reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) utilizados na literatura científica. A referida base foi acessada por 03 (três) juizes,

pesquisadores e orientadora, durante o mês de agosto de 2021. Na Figura 1 são apresentados os critérios de inclusão e exclusão, como também os descritores que guiaram os resultados.

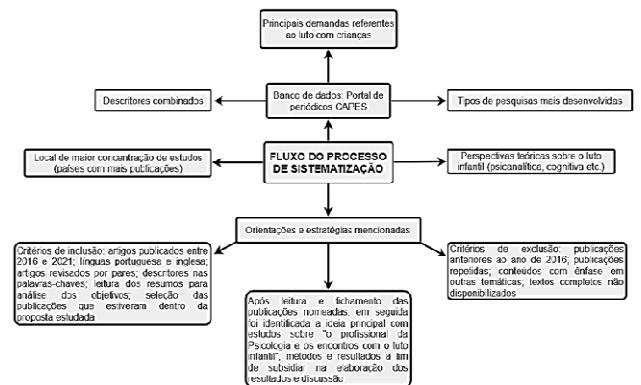


Figura 1. Processo de revisão sistemática da literatura

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foram encontrados 62 (sessenta e dois) textos científicos no Portal de Periódicos CAPES. Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, resultaram 20 (vinte) publicações (Tabela 1). A partir da leitura dos 62 (sessenta e dois) artigos e discussão pelos pesquisadores, resultaram 20 (vinte) artigos voltados à temática proposta para a pesquisa, os quais são apresentados em forma de tabela (Tabela 2), contendo título, autor, ano, percepções, estratégias, abordagem e local. Dos 20 (vinte) artigos selecionados, 02 (duas) dessas pesquisas foram realizadas em 2021, 04 (quatro) em 2020, 02 (duas) em 2019, 03 (três) em 2018, 07 (sete) em 2017 e 02 (duas) em 2016, sendo que o maior número de escritos se deu nos anos de 2020 e 2017, o que demonstra haver uma deficiência no quesito pesquisas e estudos sobre o tema.

Tabela 1. Apuração das publicações pesquisadas

Critério	Nº de artigos
Descritores	381
Revisado por pares	313
2016-2021	290
Inglês ou português	286
Artigos completos	62
Leitura dos resumos	62
Corpus do resultado	20

PERSPECTIVAS/PERCEPÇÃO DO LUTO NA INFÂNCIA

A definição do luto, segundo Worden (2013), permeia o entendimento sobre o apego. Segundo ele, “a Teoria do Apego de Bowlby proporciona uma forma de conceituarmos a tendência de o ser humano criar fortes laços afetivos com os outros” (2013, p. 01). Bowlby estabelece quatro fases que um indivíduo teria que passar para que a perda da vinculação seja aceita e concluída. São elas: fase 01, do choque, onde não se aceita ou reconhece a perda; fase 02, do protesto, o indivíduo procura e deseja a presença da pessoa perdida; fase 03, quando o indivíduo percebe por meio do desespero que a perda é permanente; fase 04, aceitação, quando o indivíduo aceita e se adapta à perda retornando com a vida de maneira natural. Para o autor, o luto é vivenciado em 02 (duas) etapas de vinculação opostas, a necessidade de proximidade com a pessoa perdida e a necessidade de desvinculação para que seja possível investir em outras relações (RAMOS, 2016). Nesse sentido, nas pesquisas de Bergman *et al.* (2017) e Ener *et al.* (2017), perceberam que as perdas que envolviam figuras próximas e de grande apego como dos pais, avós e outros cuidadores eram estressantes e profundamente sentidas pelas crianças. Sendo elas as mais comuns e angustiantes, onde o luto mal elaborado poderia fazer com que essas crianças sofressem com problemas

Tabela 2. Publicações selecionadas em ordem cronológica com ênfase no Luto Infantil e Estratégias utilizadas pelos psicólogos no atendimento a esses indivíduos

Título	“IN THE SAME STORM, BUT NOT ON THE SAME BOAT”: CHILDREN GRIEF DURING THE COVID-19 PANDEMIC
Autor/Ano	ALBUQUERQUE, S.; SANTOS, A. R./2021.
Percepção	Ter acesso à informação, com as devidas precauções, no contexto da pandemia, é especialmente importante, pois os cenários são frequentemente imprevisíveis e podem mudar. A relevância da reflexão sobre o potencial obstáculo à comunicação sobre a morte e luto. Os adultos podem acreditar que ao não falar estão protegendo a criança.
Estratégias	A escola pode servir como um porto seguro, especialmente sob a circunstância atual, pois o apoio parental pode ser menos disponível. As escolas devem, portanto, ter informação sobre o luto sintomas e impacto no comportamento escolar. Além disso, as necessidades de crianças enlutadas devem ser abordadas de forma proativa e em uma base contínua, com respeito pela autonomia e liberdade na expressão emocional.
Abordagem/Local	Artigo de opinião/Portugal (PT).
Título	PARENTAL ENGAGEMENT IN GRIEF PROGRAMMING IS RELATED TO CHILDREN’S OUTCOMES
Autor/Ano	CIPRIANO, D. J.; BARRY, C.; CIPRIANO, S./2021.
Percepção	Resultados da pesquisa indicam que envolvimento parental relacionado com o envolvimento das crianças no centro de luto e com um local de controle dentro da criança, auxilia na diminuição do luto pela criança. O envolvimento dos pais está relacionado com a resiliência da criança e isto pode auxiliar os filhos a envolver-se no programa de luto.
Estratégias	Centros de luto que incorporam programação com o envolvimento dos pais. Estratégias para assegurar esse envolvimento de um progenitor já esgotado, visto que, na maioria dos casos, o pai sobrevivente perdeu um parceiro e está a lidar com o seu próprio pesar. O envolvimento do pai sobrevivente como estratégia para auxiliar no que diz respeito à sua saúde mental e à sua capacidade de lidar com a doença.
Abordagem/Local	Pesquisa a campo utilizando um modelo multivariado para estudar os resultados do luto da infância em abordagem cognitiva/Estados Unidos (USA).
Título	A MORTE DE PAIS POR HOMICÍDIO E O LUTO INFANTIL: REVISÃO SISTEMÁTICA
Autor/Ano	MENEZES, K. J. S.; BORSA, J. C./2020.
Percepção	Os prejuízos ao bem-estar e à qualidade de vida das crianças com histórico de violência intrafamiliar são múltiplos. A ausência de estreita relação afetiva entre as crianças e os genitores no contexto familiar, associada a estímulos inadequados e à presença de violência doméstica, causa prejuízos ao desenvolvimento, podendo afetar as esferas cognitiva, emocional, comportamental e social, e promover efeitos deletérios ao longo da vida adulta.
Estratégias	Técnicas não verbais de comunicação (por exemplo, música, desenhos e narração de histórias), possibilitam a expressão das reações de pesar que permeiam os comportamentos das crianças.
Abordagem/Local	Revisão sistemática/São Paulo - Brasil (BR).
Título	PROVIDING CARE TO PARENTS DYING FROM CANCER WITH DEPENDENT CHILDREN: HEALTH AND SOCIAL CARE PROFESSIONALS’ EXPERIENCE
Autor/Ano	HANNA, J. R.; MCCAUGHAN, E.; BECK, E. R.; SEMPLE, C. J./2020.
Percepção	Os desafios relatados incluem a incerteza dos pais em dizer ou não às crianças que a mãe ou o pai vai morrer, desafios em torno do malabarismo das responsabilidades parentais quando um dos pais está a morrer, e a preparação das crianças para a morte real. Percepção dos profissionais da saúde de sentirem falta de confiança e estarem mal equipados para prestar cuidados aos pais em relação aos seus filhos quando a mãe ou o pai estava a morrer de câncer.
Estratégias	Para facilitar a adaptação ao futuro dos seus filhos, os pais devem ser encorajados a preparar os filhos para a morte de um dos genitores o mais cedo possível, pois a saúde dos pais doentes pode deteriorar-se rapidamente e podem estar menos aptos a apoiar os filhos nessa altura.
Abordagem/Local	Pesquisa a campo utilizando entrevista qualitativa semiestruturada/Reino Unido (GB).
Título	LONG-TERM EXPERIENCING OF PARENTAL DEATH DURING CHILDHOOD: A QUALITATIVE ANALYSIS
Autor/Ano	MEYER-LEE, C. B.; JACKSON, J. B.; GUTIERREZ, N. S./2020.
Percepção	Os participantes experimentaram os efeitos do luto de novas formas durante as grandes transições de vida (tais como formatura, dar à luz, comprar uma casa etc.). A teoria dos laços contínuos de luto e as teorias do desenvolvimento de luto sugerem que o pesar pela morte de um dos pais muda à medida que o indivíduo envelhece, com uma renovada sensação de perda experimentada quando as crianças atingem certos marcos de desenvolvimento que lhes permitem processar a sua perda de novas formas.
Estratégias	Compreender as implicações da teoria do apego para o processo de luto pode ser útil para os clínicos que trabalham com crianças que tenham experimentado a perda de um dos pais. Os médicos podem mostrar aos prestadores de cuidados como honrar as necessidades emocionais da criança e normalizar a dor da criança respostas. Avaliar a qualidade do vínculo de penhora ao progenitor falecido antes da morte e a qualidade das ligações posteriores a outras figuras relacionais.

Continue

Abordagem/Local	Análise qualitativa longitudinal, abordando a orientação terapêutica psicanalítica/Estados Unidos (USA).
Título	BEREAVEMENT CARE INTERVENTIONS FOR CHILDREN UNDER THE AGE OF 18 FOLLOWING THE DEATH OF A SIBLING: A SYSTEMATIC REVIEW
Autor/Ano	RIDLEY, A.; FRACHE, S./2020.
Percepção	O luto na infância tem desafios únicos. É não linear, mas intermitente e caracterizado pelo desenvolvimento cognitivo e emocional. O luto é abordado por etapas até à idade adulta.
Estratégias	Colaboração eficaz entre recursos médicos (hospitais, hospícios etc.) e os serviços comunitários (escolas, organizações sem fins lucrativos etc.) são importantes a considerar para a prestação de cuidados de luto acessíveis. Envolver plenamente o sistema escolar no processo de intervenção de luto, pois é o primeiro ponto de reconhecimento dos sintomas fora do ambiente familiar. Programas de sensibilização e formação para a comunidade.
Abordagem/Local	Revisão sistemática apresentando a psicologia educacional (cognitiva) como forma de abordar o luto com a criança/França (FA).
Título	A QUALITATIVE ANALYSIS OF PSYCHOLOGISTS' VIEWS OF BEREAVEMENT AMONG CHILDREN WITH INTELLECTUAL DISABILITY IN IRELAND
Autor/Ano	MCCLEAN, K.; GUERIN, S./2019.
Percepção	As crianças com deficiências intelectuais têm o potencial de experimentar as experiências emocionais completas de luto, embora a expressão do pesar possa ser alterada por dificuldades de comunicação. Uma compreensão incompleta da morte pode prolongar e até dificultar o processo de luto.
Estratégias	Normalizar a dor, com preferência por explicações concretas e factuais, em vez de explicações metafóricas ou místicas. Abordagens comunitárias naturais ao luto. Apoio as crianças com deficiência intelectual enlutadas requerem ver cada criança e cada família individualmente, em que através das forças e relações naturais cada uma pode ser apoiada.
Abordagem/Local	Análise qualitativa/Irlanda (IE).
Título	DISCUSSING DEATH WITH CHILDREN: A DEVELOPMENTAL APPROACH
Autor/Ano	KRONAIZL, S. G./2019.
Percepção	Em muitos casos, o medo de dizer a coisa errada leva a não dizer absolutamente nada - transmitir involuntariamente a mensagem de que a morte é formidável também é um risco, mesmo para adultos. Em outros casos, adultos podem subestimar a curiosidade das crianças e a sua capacidade de compreender o conceito de morte. Ignorando neste sentido que as crianças vão tentar fazer sentido as suas experiências com qualquer informação disponível após a morte de um ente querido. Se a morte não for discutida pelos adultos que os rodeiam, as crianças podem recorrer aos meios de comunicação retratos da morte e muitos dos quais são imprecisos e incompletos.
Estratégias	É importante responder honestamente, com ponderação, e respeitosamente às perguntas e preocupações das crianças sobre uma morte ou evento de morte iminente. Criar um ambiente onde as crianças possam desenvolver conceitos de morte e experiências de luto, devem ser considerados únicos.
Abordagem/Local	Baseou-se nos pensamentos e perspectivas documentados das crianças na literatura de investigação/Estados Unidos (USA).
Título	WHEN CHILDREN PARTICIPATE IN THE DEATH RITUAL OF A PARENT: FUNERARY PHOTOGRAPHS AS MNEMONIC OBJECTS
Autor/Ano	FARO, L. M.C./2018.
Percepção	Quando as crianças perdem um dos pais durante a infância, passam por momentos de mudança emocional e de vida. É importante que as crianças sejam incluídas no ritual de morte e reconhecidas como sofridos ao lado dos adultos.
Estratégias	Fotografias fúnebres de rituais de morte podem funcionar como objetos mnemónicos mais tarde na vida das crianças que perderam um dos pais na sua infância. Estas fotografias permitem às crianças, quando necessário, materializar a forma como participaram no ritual da morte do seu pai ou da sua mãe. Tais imagens podem ser meios funcionais de ligação contínua na cultura fúnebre, ligando o passado ao presente, em particular quando se trata de crianças pequenas.
Abordagem/Local	Estudo de caso/Holanda (NL).
Título	KIDS SUPPORTING KIDS: A 10-WEEK SMALL GROUP CURRICULUM FOR GRIEF AND LOSS IN SCHOOLS
Autor/Ano	TILLMAN, K. S.; PRAZAK, M./2018.
Percepção	O currículo de um pequeno grupo pode ser potencialmente eficaz para reduzir os sintomas associados a luto, e aplicação nas escolas pode aliviar dificuldades comportamentais, interpessoais e emocionais em alguns alunos. Protocolos desenvolvidos com estes grupos podem ser empregados ou adaptados para satisfazer as necessidades dos estudantes que lutam com a morte de um ente querido.
Estratégias	<i>Kids Supporting Kids</i> , um protocolo de 10 etapas de aconselhamento em grupo para estudantes do ensino básico, desenvolvido para ajudar os estudantes que sofreram a perda de um ente querido. O currículo do grupo visa ajudar os alunos a desenvolverem aptidões mais saudáveis para lidar com o sofrimento relacionado com a dor; diminuir os problemas de internalização e externalização; e diminuir os sintomas de trauma problemáticos. Os estudantes, os professores e os pais recebem, cada um deles, medidas pré-testes. O grupo consiste em 10 sessões semanais sobre os tópicos de estabelecer segurança, partilhar as suas histórias, criar uma narrativa com memórias positivas, identificar e expressar emoções, lidar com competências, apoio social e familiar, recordar os entes queridos e dizer adeus.

Abordagem/Local	Realizada pesquisa a campo no intuito de viabilizar um protocolo de acolhimento em luto e perdas nas escolas/Estados Unidos (USA).
Título	EXPLORING CHARACTERISTICS OF CHILDREN PRESENTING TO COUNSELING FOR GRIEF AND LOSS
Autor/Ano	ENER, L.; RAY, D. C./2018.
Percepção	Existe uma forte relação entre a idade e as manifestações comportamentais das crianças enlutadas. Desta forma é relevante que os clínicos compreenderem as implicações de desenvolvimento quando trabalham com crianças enlutadas. Além disso, os prestadores de cuidados que relataram estresse externo geral mínimo também relataram menos interferência relacional pai-filho. É de suma importância que os prestadores de cuidados mantenham a máxima estabilidade para as crianças enlutadas.
Estratégias	Foram realizadas duas análises correlacionais canônicas (CCA) para examinar o seguinte: (1) relação entre as características das crianças enlutadas e as suas subsequentes manifestações comportamentais, (2) relação entre as características das crianças enlutadas e os níveis de estresse relacional pai-filho. Os resultados correlacionados deste estudo forneceram informações sobre as manifestações de perda das crianças enlutadas e os níveis de estresse relacional entre pais e filhos, dependendo destas características específicas.
Abordagem/Local	Pesquisa a campo/Estados Unidos (USA).
Título	FACTORS UNDERLYING THE RELATIONSHIP BETWEEN PARENT AND CHILD GRIEF
Autor/Ano	CIPRIANO, D. J.; CIPRIANO, M. R./2017.
Percepção	A morte de um dos pais na vida de uma criança é um fator de risco significativo para posteriores problemas de saúde mental e física. Embora muito tenha sido escrito sobre o funcionamento do pai sobrevivente e os seus efeitos nos seus filhos enlutados, pouco trabalho foi feito para analisar os fatores subjacentes a este efeito, tais como a forma como os pais lidam com ele.
Estratégias	O estudo recrutou 38 díades (par de pai e filho) de pais e filhos de um centro de apoio ao luto baseado na comunidade. Pais e filhos, independentemente, completaram várias medidas de funcionamento emocional, incluindo sintomas de luto e de lidar com a dor, tais como o apoio social e o local de controle.
Abordagem/Local	Pesquisa a campo/Estados Unidos (USA).
Título	WHEN A PARENT DIES – A SYSTEMATIC REVIEW OF THE EFFECTS OF SUPPORT PROGRAMS FOR PARENTALLY BEREAVED CHILDREN AND THEIR CAREGIVERS
Autor/Ano	BERGMAN, A.-S.; AXBERG, U.; HANSON, E. /2017.
Percepção	A morte de um dos pais é um acontecimento de vida altamente estressante para as crianças enlutadas, com risco acrescido de problemas mentais e psicossociais entre as crianças afetadas.
Estratégias	Intervenções relativamente breves podem evitar que as crianças desenvolvam problemas mais graves após a perda de um dos pais, tais como o luto traumático e problemas de saúde mental, com efeitos positivos tanto para a saúde das crianças como para a dos cuidadores sobreviventes.
Abordagem/Local	Revisão sistemática/Suécia (SE).
Título	FEASIBILITY AND EFFECTIVENESS OF DYADIC PROLONGED EXPOSURE INTERVENTION FOR PREVENTING POSTTRAUMATIC GRIEF IN YOUNG CHILDREN: A CASE REPORT OF TWO SIBLINGS
Autor/Ano	RACHAMIM, L./2017.
Percepção	As intervenções terapêuticas ajudam a promover a diferenciação entre recordar o evento e revivê-lo, e permitem a capacidade de avaliar de forma realista o verdadeiro perigo. O tratamento permite aos pais expressar os seus sentimentos e agir como modelos para os seus filhos sobre a aceitabilidade de mostrar os próprios sentimentos. Com a intervenção a criança tem acesso a um modelo mais saudável e benéfico de expressar pensamentos e sentimentos sobre a tentativa ativa de reprimir ou entorpecer eles.
Estratégias	A intervenção com EPD (Exposição Prolongada Diádica) durante a fase aguda do luto forneceu aos cuidadores e as crianças métodos comportamentais e cognitivos para as ajudar com as reações à perda traumática. Sessões com os pais para expressar e lidar com os seus próprios sintomas, auxiliando na capacidade de apoiar as crianças. O tratamento diádico colocando a ligação criança-pai como central e o papel do terapeuta como auxiliar na reparação do trauma.
Abordagem/Local	Relato de caso sob a ótica cognitiva comportamental/Estados Unidos (USA).
Título	APPLYING A POSITIVE YOUTH DEVELOPMENT PERSPECTIVE TO OBSERVATION OF BEREAVEMENT CAMPS FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS
Autor/Ano	RICHARDSON, R. A.; FERGUSON, P. A.; MAXYMIV, S./2017.
Percepção	Atividades recreativas, acampamentos e interação são consideradas um quadro positivo de desenvolvimento da juventude para a compreensão, sendo que a criação de campos de luto porque alargar o foco da ajuda. As crianças sobrevivem para as ajudar a identificar e desenvolver forças psicossociais e isto pode orientar os campos de luto existentes na avaliação da qualidade de desenvolvimento que proporcionam.
Estratégias	Os campos (acampamentos) de luto podem proporcionar um ambiente que ajuda as crianças a lidar com a morte de alguém próximo. A compreensão e estratégias foram pensadas através da lente do desenvolvimento positivo da juventude para determinar a aplicabilidade das oito características dos cenários de desenvolvimento positivo para descrever os campos de luto (segurança, estrutura apropriada, relações de apoio, oportunidades de pertencer, normas positivas, apoio à eficácia, oportunidades de desenvolvimento de competências, integração da família e da comunidade).

Continue

Abordagem/Local	Pesquisa a campo/Estados Unidos (USA).
Título	CAREGIVERS' POSITIVE EMOTIONAL EXPRESSION AND CHILDREN'S PSYCHOLOGICAL FUNCTIONING AFTER PARENTAL LOSS
Autor/Ano	WARDECKER, B. M.; KAPLOW, J. B.; LAYNE, C. M.; EDELSTEIN, R. S./2017.
Percepção	A morte de um ente querido, particularmente de um pai, foi identificada não só como a forma mais comum, mas também a forma mais angustiante de adversidade que os jovens podem experimentar durante a sua vida. A comunicação dos cuidadores com os seus filhos pode desempenhar um papel crítico na formação do funcionamento psicológico das crianças enlutadas.
Estratégias	Numa amostra de 39 crianças em luto parental e seus cuidadores sobreviventes, foi investigada se a frequência do uso de palavras emocionais positivas (por exemplo, "amor", "feliz", "esperança") por parte dos cuidadores durante uma tarefa de memória sobre o falecido estava associada ao funcionamento psicológico e à capacidade de lidar com as crianças. Numa análise transversal, se as associações mencionadas foram moderadas pelo tempo decorrido desde que as crianças perderam os seus pais.
Abordagem/Local	Pesquisa qualitativa a campo, com análise transversal/Estados Unidos (USA).
Título	INTERVENTIONS FOR YOUNG BEREAVED CHILDREN: A SYSTEMATIC REVIEW AND IMPLICATIONS FOR SCHOOL MENTAL HEALTH PROVIDERS
Autor/Ano	CHEN, C. Y.-C.; PANEBIANCO, A./2017.
Percepção	O ambiente familiar pós-morte é um importante preditor do comportamento e sintomas das crianças enlutadas. Em particular, o funcionamento psicológico dos pais sobreviventes e as suas capacidades de lidar com a situação têm um impacto poderoso na adaptação das crianças. Os pais/educadores sobreviventes precisam aprender a trabalhar através da sua própria dor de forma adaptável e ver a dor como um processo que envolve toda a família e seus membros. Devido à importância do contexto familiar, algum tipo de avaliação familiar e intervenções que envolvam trabalho com os pais sobreviventes devem ser sempre consideradas quando se trabalha com jovens crianças enlutadas.
Estratégias	Terapia lúdica, terapia das artes expressivas, terapia familiar, e terapia cognitivo-comportamental foram frequentemente utilizadas para ajudar crianças pequenas a lidar com a perda de um membro da família, com brincadeiras, terapia ou atividades baseadas em jogos, sendo a opção de intervenção mais comumente adotada. Para estudos que incluíam exclusivamente crianças dos 3-5 anos, as terapias baseadas na brincadeira eram claramente as principais opções terapêuticas. Isto não é surpreendente, uma vez que o jogo é considerado o meio natural de comunicação para crianças pequenas e através da qual elas ganham compreensão do seu mundo.
Abordagem/Local	Revisão sistemática/Estados Unidos (USA).
Título	SCHOOL CHILDREN'S PERCEPTION OF THE CONCEPT OF DEATH
Autor/Ano	KREPIA, M.; KREPIA, V.; TSILINGIRI, M./2017.
Percepção	A compreensão do conceito de morte pelas crianças tem sido objeto de investigação científica e a sua percepção depende principalmente da idade da criança. O desenvolvimento cognitivo, sexo, família, religião, escola, tecnologia e meios de comunicação social, valores, atitudes, cultura, fatores emocionais e experiências de morte estão relacionados com o desenvolvimento do conceito de morte nas crianças.
Estratégias	Apoio familiar a criança, em que os pais devem estar dispostos a discutir sobre a morte com os seus filhos, a fim de que estes desenvolvam uma percepção madura e não ser negativo para estas questões. Escola e professores como facilitadores, pois tem um papel importante na educação das crianças sobre questões relacionados com a morte, tendo uma quota maior de responsabilidade em relação à família no que diz respeito a compreender melhor todas as dimensões do fenómeno da morte.
Abordagem/Local	Pesquisa sistemática/Grécia (GR).
Título	VOICES WE FORGET—DANISH STUDENTS EXPERIENCE OF RETURNING TO SCHOOL FOLLOWING PARENTAL BEREAVEMENT
Autor/Ano	MARTIN, L./2016.
Percepção	As crianças enlutadas parentais têm frequentemente dificuldades regressando à sua classe após a perda. Muitos relataram que os colegas de turma pareciam incerto sobre como recebê-los de volta. Isto foi muitas vezes feito como uma experiência incômoda, levando os enlutados a sentirem-se diferentes dos seus pares. Em tais situações, o estudante enlutado era frequentemente confrontado com duas escolhas: fingir como se nada tivesse acontecido ou tentasse ultrapassar esta nova situação. Escolhendo a segundo e decidindo falar sobre a perda poderia levar a casos em que os colegas de turma tentassem evitá-los, a um sentimento subsequente de isolamento, e, em casos raros, zombador.
Estratégias	Foram realizadas 18 entrevistas de grupo focal com 39 participantes de 9 a 17 anos de idade. Todos os participantes tinham experimentado a perda de um prestador de cuidados primários. A recolha de dados foi dividida em duas fases. Na Fase I, 22 participantes de quatro grupos de luto foram entrevistados 4 vezes ao longo de um ano. Durante a Fase II, foram realizados grupos focais confirmatórios com os 17 participantes. Este artigo explora resultados relacionados com os três temas da resposta inicial da escola, apoio a longo prazo, desafios dentro da turma, e desafios académicos.
Abordagem/Local	Pesquisa a campo/Reino Unido (GB).
Título	BECAUSE I'M ALSO PART OF THE FAMILY. CHILDREN'S PARTICIPATION IN RITUALS AFTER THE LOSS OF A PARENT OR SIBLING: A QUALITATIVE STUDY FROM THE CHILDREN'S PERSPECTIVE
Autor/Ano	SOFTING, G. H.; DYREGROV, A.; DYREGROV, K./2016.
Percepção	O estudo indica que era muito importante que as crianças fossem incluídas nos rituais e, por conseguinte, serem reconhecidas como sofridos ao lado dos adultos. Ser incluído contribui para legitimar o seu estatuto de membro "pleno" do sistema familiar, com um estatuto de igualdade para os adultos em situação de sofrimento num sistema importante e vulnerável da fase da vida da família. As crianças ficaram satisfeitas por lhes ter sido dada a oportunidade de "ver por si próprias", tanto para compreender e aceitar melhor a realidade da perda e despedir-se com os seus entes queridos.
Estratégias	As entrevistas foram guiadas por um guia temático com o objetivo de explorar quem a criança tinha perdido e em que circunstâncias, quais os rituais em que a criança tinha participado, e como e em que medida a criança participou nos preparativos dos rituais, se alguém preparou a criança antes de tomar parte, e se a criança tinha participado em quaisquer rituais pós-cerimônias. Finalmente, o foco foi o significado da participação nos rituais, e como as crianças estavam a fazer sentido das suas experiências.
Abordagem/Local	Estudo qualitativo utilizando inquérito exploratório e interpretativo/Noruega (NO).

mentais e psicossociais de maneira acrescida. Cada fase da vida do indivíduo detém características e peculiaridades, na fase infantil não seria diferente. As estratégias utilizadas com crianças enlutadas precisam obedecer a estágios específicos para que assim suas utilizações sejam mais eficazes. A infância é compreendida do 0 (zero) aos 02 (dois) anos (primeira infância/primórdios), dos 02 (dois) aos 06 (seis) anos (segunda infância) e dos 06 (seis) aos 11 (onze) anos (terceira infância) (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Na infância, é comum não falar da morte para as crianças, escondendo, inclusive, o paradeiro daquele que morreu. Diz-se que o falecido viajou, foi morar no céu e uma série de outras justificativas (KOVÁCS, 1992; SOARES; MAUTONI, 2013). Para Lytje (2016), ficou claro em sua pesquisa que é comum que crianças que experienciem perdas apresentem comportamentos regredidos, não só no ambiente familiar como também no ambiente escolar. Havendo ainda dificuldades em manifestar sentimentos e emoções em razão da não aceitação das pessoas que as rodeiam, sendo as crianças muitas das vezes alvo de zombaria, o que agrava o processo de luto. Há ainda entre os achados literários uma relação estreita entre a idade e a forma que os comportamentos do luto serão manifestados. Ener e Ray (2018) salientam a importância que o clínico deverá ter acerca da compreensão da fase desenvolvimental que o indivíduo se encontra, pois isso lhe garantirá estabilidade e coerência nos atendimentos prestados às crianças enlutadas. Em contrapartida, Klinger (2021, p. 22-23) salienta que deve ser levado em consideração que o luto não segue o tempo cronológico, o luto é subjetivo: Além de não ter idade, também não tem um caráter mais patológico numa determinada fase da vida, como na infância.

Ao abordar as fases do desenvolvimento e a evolução cognitiva, é possível observar que um aspecto é o do entendimento cognitivo da extensão da morte e o outro é o do perceber, do sentir e o do manifestar da criança. Sofrer não tem tempo cronológico, tanto que na clínica com adultos podemos nos deparar, com certa frequência, com indivíduos que vivem intensamente a sua dor, como se a morte da pessoa amada tivesse ocorrido recentemente, ainda que tenham se passado 10, 20 ou 30 anos do falecimento. É preciso compreender, também, que o luto não se refere somente à morte, mas às muitas perdas que também compõem a jornada de amadurecimento do ser humano na construção da experiência de si enquanto sujeito. Portanto, é preciso também que se adote uma postura reflexiva e crítica quando se trata de relacionar modos de sentir a determinada faixa etária como no luto, o processo de pesar e seus desdobramentos ocorre em todas as fases do desenvolvimento humano. É um processo inevitável, mas também peculiar a cada indivíduo, sendo vivenciado de modos diferentes, seja quanto ao seu tempo de duração, sua intensidade e ao momento do seu surgimento.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS

Para Albuquerque e Santos (2021) precisa-se que as estratégias sejam fomentadas no âmbito psicossocial, a exemplo, o ambiente escolar. Assegurando às crianças enlutadas informações adequadas, verificação do impacto do luto no comportamento acadêmico, bem como autonomia e liberdade das expressões dos sentimentos e emoções. Ridley e Frache (2020) também perceberam na convivência em espaços sociais como a escola, o primeiro campo onde se pode captar os sintomas do luto fora do núcleo familiar. Sendo a capacitação de profissionais atuantes nas instituições de ensino, uma verdade incondicional quando o assunto é luto. Tillman e Prazak (2018) desenvolveram um protocolo de 10 sessões em modelo de aconselhamento de grupo para acolher estudantes do ensino básico ao perder um ente querido. Notou-se que os alunos, genitores e professores participaram ativamente das atividades que envolveram temas como identificar e expressar as emoções, recordar os entes queridos, dizer adeus, entre outros. Seguindo a linha do aconselhamento, Ener e Ray (2018) investigaram dois pontos importantes para compreensão do acolhimento e elaboração do luto pela criança e genitor, através de uma pesquisa a campo. Observou-se que pais com filhos mais velhos vivenciaram um aumento do estresse, pois o desenvolvimento da criança reforça a autonomia delas, o que dificulta o diálogo e acolhimento por parte do genitor. De acordo com

as fases do desenvolvimento de cada criança, os comportamentos diante a perda são diferentes, o que de fato modifica o modo de abordar o tema. Cipriano *et al.* (2021) seguiram pela linha psicossocial e recomendaram que haja centros/grupos de apoio ao luto, onde pelo menos um dos progenitores e/ou sobreviventes estejam ativamente engajados, a fim de garantir qualidade da saúde mental e capacidade de enfrentamento do luto tanto para si quanto para o indivíduo sob seus cuidados. Técnicas não-verbais como músicas, desenhos e narração de histórias foram propostas por Menezes e Borsa (2020). Já Meyer-Lee *et al.* (2020) validaram em sua pesquisa a importância do conhecimento do clínico sobre a Teoria do Apego, permitindo que tal subsídio ajude a lidar com crianças que perderam um dos pais ou figuras de grande apego. Verbalizar o luto de maneira a normalizar a dor com explicações concretas e assertivas, permitindo diálogo aberto, franco, acolhimento das preocupações da criança sobre a morte, esclarecimento de dúvidas e inclusão da criança no processo do luto familiar são estratégias propostas por Hanna *et al.* (2020), McClean e Guerin (2019) e Boles e Sydney (2019), em que tais ações garantiriam melhor adaptabilidade das crianças enlutadas e permitiria-lhes desenvolver forças e relações naturais com a temática. Dentre as estratégias abordadas por Faro (2018), descreveu-se a inclusão das crianças aos rituais de morte e a apropriação de fotografias do ritual fúnebre para que, quando necessário, as crianças possam ter, de forma material, lembranças de como ocorreu o ritual da morte e despedida de seu progenitor, desse modo as fotos se tornarão um símbolo para memorizar o momento vivido.

Cipriano e Cipriano (2017), bem como Rachamim (2017) realizaram pesquisas com diádes (par de pai e filho). Os primeiros autores apostaram na estratégia de um olhar para o fortalecimento dessas interações estabelecendo acolhimento individual tanto para a criança enlutada quanto para o genitor, já o segundo utilizou-se de uma intervenção EPD (Exposição Prolongada Diádica), que consistiu na interação pai-filho como fator central na terapia, já que o terapeuta teria o papel de auxiliar na reparação do trauma. Estes estudos apontaram que o olhar deve estar voltado não apenas à criança enlutada, mas aos cuidadores que também obtiveram uma perda significativa. Chen e Panebianco (2017), utilizaram a terapia lúdica como estratégia, que oferece um espaço para a expressão das emoções. Perceberam que o emprego de jogos e brincadeiras são as formas mais comumente abordadas em atendimento, graças a sua capacidade de permitir à criança ilustrar, por meio das fantasias, o mundo que conhece. No estudo realizado por Ener *et al.* (2017), o enfoque na elaboração do luto com a criança possuía um viés positivista. Apurou-se a frequência com que os cuidadores utilizaram de palavras emocionais positivas como “amor”, “feliz” e “esperança” durante um exercício de memória sobre o falecido. Resultou que a utilização de palavras e gestos por um viés positivo pode favorecer comportamentos menos angustiantes nas crianças e a diminuição de transtorno mental na vida adulta. O desafio de encontrar uma abordagem coerente para o acolhimento à criança enlutada é notório, passando diretamente pela sensível percepção dos profissionais e cuidadores. Percebeu-se que parte das estratégias utilizadas por psicólogos abordam a comunicação não metafórica e o uso da verdade dentro da capacidade de compreensão da criança, sendo estes um dos meios eficazes para elaboração do luto e, embora as estratégias às crianças enlutadas sejam as mais diversas, predominantemente as psicossociais são as mais encorajadas, o que legitima as recomendações de Casellato (2015) sobre as intervenções psicossociais primárias e secundárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 tomou o mundo de assalto, a infelicidade que o vírus disseminou nos mostrou e mostra o quão necessário é levar informação de qualidade sobre a morte e na busca incansável de tratativas desmistificadoras. Ainda, as crianças percebem no ambiente em que vivem o sentimento de apreensão pelas perdas e pelo que não é dito, mas que atua com intensidade e desperta conteúdos fantasiosos nelas, pois em qualquer idade, acontecimentos trágicos podem desencadear lutos.

Corroborando, por meio desta revisão sistemática, notou-se o quanto o tema morte segue como tabu em nossas sociedades, especialmente quando é preciso comunicá-la às crianças enlutadas. Dentre as estratégias mais utilizadas no atendimento às crianças enlutadas permeiam àquelas de ordem psicossocial, como criação de grupos de apoio, orientativas a pais, professores e/ou cuidadores, intervenção com a díade pai sobrevivente e filho, e verbalização franca sobre os fatos. Ademais, embora o manejo e estratégias utilizadas por profissionais da Psicologia mostrem eficácia científica, familiares, cuidadores e a sociedade como um todo precisam estar incluídos nas ações e ainda carecem de psicoeducação sobre o tema. Ao realizar atendimento às crianças enlutadas, é preciso que o psicólogo leve em consideração a dimensão do tema morte, uma vez que há vários aspectos envolvidos numa perda. Por se tratar de um tema delicado, permeado de dores e tabus, faz-se necessário saber acolher essa demanda ponderando que isso implica em ajudar o indivíduo na elaboração do luto e que ao fazê-lo, é possível o surgimento de novos conteúdos, podendo estes serem ainda mais complexos. Acrescido a isso, o profissional precisa ter um manejo assertivo com os adultos cuidadores, mostrando-lhes que a morte acarreta ao âmbito psicológico das crianças reações afetivas e comportamentais. Carecendo, assim, reconhecimento do processo de luto, em vez de desconsideração e negligência, a fim de evitar prejuízos e impactos nos seus desenvolvimentos. Esta pesquisa de revisão nos permitiu mensurar a importância da temática e, embora o assunto seja bastante debatido na comunidade científica, percebeu-se que, na base de dados de pesquisas do Brasil, há poucas publicações realizadas nos últimos 05 (cinco) anos, o que nos sugere que por se tratar de uma temática densa e ter como participante o público infantil, os pesquisadores encontram dificuldades em receber permissão para que as crianças participem das pesquisas, talvez porque haja receio de que revolver o assunto morte possa desencadear comportamentos intrincados, o que justifica a necessidade de o tema continuar sendo pesquisado, bem como ampliar a compreensão sobre o processo de luto infantil, pois se trata de um campo vasto para discussões e novas descobertas. Com isso, entende-se que o tema pesquisado é de grande valia e deve ser continuamente discutido. Por não haver muitos estudos falando sobre morte violenta e criança, este estudo poderá auxiliá-la a entender o que vivencia, colaborando para seu processo de elaboração da perda. Desta forma, a relevância da pesquisa se dá pela obtenção do estudo atualizado que contribuirá para atuação de profissionais em cuidados às crianças enlutadas, envolvendo a busca de conhecimento sobre práticas psicológicas e mecanismos intrapsíquicos envolvidos na elaboração do luto da criança.

REFERÊNCIAS

- ADLER, P. A.; ADLER, P. 2021. How many qualitative interviews is enough. In: BAKER, S.; EDWARDS, R. Disponível em: http://eprints.ncrm.ac.uk/2273/4/how_many_interviews. Acesso em: 13 abr.
- ALBUQUERQUE, S.; SANTOS, A. R. 2021. "In the Same Storm, but Not on the Same Boat": Children Grief During the COVID-19 Pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, Coimbra - PT, v. 12 n. 638866, 2021; Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2021.638866/full>. Acesso em: 22 set.
- AZEVEDO, A. K. S.; PEREIRA, S. M. A. 2013. O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico. *Clínica & Cultura*, v. 2, n. 2, p. 54-67.
- ÀRIES, P. 2012. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BARDIN, L. 2011. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- BARONE, K. C. 2004. *Realidade e luto: um estudo da transicionalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BERGMAN, A. S., et al. 2017. When a Parent Dies - a Systematic Review of the Effects of Support Programs for Parentally Bereaved Children and Their Caregivers. *BMC Palliative Care*, Vaxjo - SE, v. 16, n. 1, p. 39, ago.. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5553589/>. Acesso em: 22 set. 2021.
- BOWLBY, J. 1985. *Apego e perda. Perda: tristeza e depressão*. Trad. Valtensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Original publicado em).
- BOWLBY, J. 2002. *Formação e rompimento dos laços afetivos* (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes,. (Original publicado em 1979).
- CASELLATO, G. 2015. *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não-reconhecido*. São Paulo: Summus.
- CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BOMFIM, T. E. 2013. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicol. inf.* v.17, n.17, p. 87-105. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007. Acesso em: 16 set. 2018.
- CHEN, C. Y.C.; PANEBIANCO, A. 2021. Interventions for young bereaved children: A systematic review and implications for school mental health providers. In: *Child & Youth Care Forum*. New York - USA, p. 151-171, jul. 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10566-017-9426-x>. Acesso em: 22 set.
- CIPRIANO, D. J.; CIPRIANO, M. R. 2021. Factors underlying the relationship between parent and child grief. *OMEGA-Journal of Death and Dying*, Milwaukee - USA, v. 80, n. 1, p. 120-136, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0030222817726935>. Acesso em: 22 set..
- CIPRIANO, D. J.; BARRY, C.; CIPRIANO, S. 2021. Parental Engagement in Grief Programming Is Related to Children's Outcomes; *OMEGA - Journal of Death and Dying*; Milwaukee - USA, Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00302228211008738>. Acesso em: 22 set. 2021.
- ENER, L.; RAY, D. C. 2021. Exploring characteristics of children presenting to counseling for grief and loss. *Journal of Child and Family Studies*, Texas - USA, v. 27, n. 3, p. 860-871, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-017-0939-6>. Acesso em: 22 set.
- Faro, L.M.C. 2021. When Children Participate in the Death Ritual of a Parent: Funerary Photographs as Mnemonic Objects. *Religions*, Tilburg - NL, v. 9 n. 7, p. 215, jul. 2018. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/9/7/215>. Acesso em: 22 set..
- FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. 2018. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estud. psicol.* 2007, v.24, n.4. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a09.pdf>. Acesso em: 02 ago..
- FREUD, S. 2011. Luto e melancolia. In: Freud, S. *Sigmund Freud Obras Completas*. Vol. 12. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011. (Trabalho original publicado em 1917).
- GIL, A.C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4 ed. São Paulo. Atlas. 2008.
- HANNA, J. R.; MCCAUGHAN, E.; BECK, E. R.; SEMPLE, C. J. Providing Care to Parents Dying from Cancer with Dependent Children: Health and Social Care Professionals Experience; *Psycho-Oncology*; Chichester - GB, v. 30, n. 3, p. 331-339, 2020; out. 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pon.5581>. Acesso em: 22 set. 2021.
- KLINGER, E.F. *A Criança e a Morte: a expressão das perdas e conflitos por meio dos contos de fadas*. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC, Goiânia, 2021.
- KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo: Ltda, 1992.
- KREPIA, M.; KREPIA, V.; TSILINGIRI, M. School children's perception of the concept of death. *International Journal of Caring Sciences*, Grécia - GR, v. 10, n. 3, p. 1717-1722, set. 2017. Disponível em: http://internationaljournalofcaringsciences.org/docs/68_tsitsi_special_10_3.pdf. Acesso em: 22 set. 2021.
- KRONAIZL, S. G. Discussing death with children: A developmental approach. *Pediatric Nursing*, Dakota do Sul - USA, v. 45, n. 1, p.

- 47-50, jan. 2019. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/d8f877c24a77dc808c9a041c043ebd761?pq-origsite=gscholar&cbl=47659>. Acesso em: 22 set. 2021.
- MARTIN, L. Voices We Forget—Danish Students Experience of Returning to School Following Parental Bereavement. *OMEGA - Journal of Death and Dying*. Reino Unido - GB, v. 78, n. 1, p. 24 – 42, nov. 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0030222816679660>. Acesso em: 22 set. 2021.
- MCCLEAN, K.; GUERIN, S. A Qualitative Analysis of Psychologists' Views of Bereavement among Children with Intellectual Disability in Ireland. *British Journal of Learning Disabilities*, Irlanda - IE, v. 47, n. 4, p. 247–254, ago. 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/blid.12284>. Acesso em: 22 set. 2021.
- MEIRA, A. C. S. Condições essenciais do psicoterapeuta de crianças e adolescentes. In: CASTRO, M. G. K. *et al.* Crianças e adolescentes em psicoterapia. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 42-54.
- MENEZES, K. J. S; BORSA, J. C. A morte de pais por homicídio e o luto infantil: Revisão sistemática. *Psicologia: Teoria e Prática*, Rio de Janeiro vol. 22 n. 2, p. 381-405; Rio de Janeiro, 2020; Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872020000200011. Acesso em: 22 set. 2021.
- MEYER-LEE, C. B; JACKSON, J. B; GUTIERREZ, N. S. Long-Term Experiencing of Parental Death During Childhood: A Qualitative Analysis. *The Family Journal*, San Diego - USA, v. 28, n. 3, p. 247–256, abr. 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00302228211008738>. Acesso em: 22 set. 2021.
- MORIN, E. O homem e a morte. 1997. Ed. Rio de Janeiro: Imago, *apud* MELO, C. V. O significado da morte nas diferentes etapas da vida humana. 2004. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2928/2/9960500.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2018
- PAIVA, L. E. A arte de falar da morte para crianças. 4. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- Rachamim I. Feasibility and effectiveness of dyadic prolonged exposure intervention for preventing posttraumatic grief in young children: a case report of two siblings. *Infant Ment Health Journal*, Michigan - USA, v. 38, n. 5, p. 680-690, ago. 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/imhj.21659>. Acesso em: 22 set. 2021.
- RICHARDSON, R. A.; FERGUSON, P. A.; MAXYMIV, S. Applying a positive youth development perspective to observation of bereavement camps for children and adolescents. *Journal of social work in end-of-life & palliative care*, Ohio - USA, v. 13, n. 2-3, p. 173-192, jul. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1524256.2017.1346544>. Acesso em: 22 set. 2021.
- RIDLEY, A.; FRACHE, S. Bereavement Care Interventions for Children under the age of 18 Following the Death of a Sibling: a Systematic Review. *Palliative Medicine*, Besançon - FRA, v. 34, n. 10, p. 1340-1350 ago. 2020. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269216320947951?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed. Acesso em: 22 set. 2021.
- SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.
- SILVA, C. F.; SILVA, S. O. M.; TOMAZ, R. S. R. Um encontro com o inesperado no plantão psicológico: uma revisão sistemática. *Anais do V Seminário de Produção Científica do Curso de Psicologia da Unievangélica*. Anais... 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/17351>. Acesso em: 15 maio 2021.
- SOARES, E. G. B.; MAUTONI, M. A. A. G. Conversando sobre o luto. São Paulo: Ágora, 2013.
- SOFTING G. H; DYREGROV A; DYREGROV K. Because I'm Also Part of the Family. Children's Participation in Rituals After the Loss of a Parent or Sibling: A Qualitative Study From the Children's Perspective. *OMEGA - Journal of Death and Dying*. Bergen - NO, v. 73, n. 2, p. 141-158, jun. 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0030222815575898>. Acesso em: 22 set. 2021.
- TILLMAN, K. S; PRAZAK, M. Kids Supporting Kids: A 10-Week Small Group Curriculum for Grief and Loss in Schools. *Counselling and Psychotherapy Research*, Dakota do Norte - USA, v. 18, n. 4, p. 395-401, ago. 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/capr.12190>. Acesso em: 22 set. 2021.
- TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, maio/jun. 2005.
- VENDRUSCOLO, J. Visão da criança sobre a morte. 2005. Disponível em: http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/3_visao_crianca_sobre_morte.pdf. Acesso em: 21 ago. 2018.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.
- WARDECKER, B. M. *et al.* Caregivers' positive emotional expression and children's psychological functioning after parental loss. *Journal of child and family studies*, Michigan - USA, v. 26, n. 12, p. 3490-3501, jul. 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-017-0835-0>. Acesso em: 22 set. 2021.
- WORDEN, J. W. Aconselhamento do Luto: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Roca, 2013.
